

WALTY, Ivete Lara Camargos. *A rua da literatura e a literatura da rua*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.

### Quando a rua e a literatura se encontram

Maurício Silva<sup>1</sup>

A rua é, cada vez mais, o lugar dos excluídos. Partindo desse mote e conciliando teóricos como Habermas, Certeau e Benjamin, a professora e pesquisadora da PUC de Minas Gerais, Ivete Lara Camargos Walty, acaba de publicar um livro que, resultado de um amplo projeto de pesquisa intitulado "Da rua: olhares sobre histórias da literatura brasileira", é, em muitos sentidos, inovador: *A rua da literatura e a literatura da rua* (Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014).

Buscando "analisar as configurações de rua na narrativa urbana brasileira" (p. 10), a autora aborda a relação entre a literatura e o espaço urbano (mais precisamente, a rua), tanto nos séculos XIX-XX (Manuel Antonio de Almeida, Machado de Assis, Olavo Bilac etc.) quanto nos séculos XX-XXI (Lima Barreto, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Luiz Ruffato, Marcelino Freire etc.).

Com efeito, analisando o romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, a partir da consideração de que "a rua aí se apresenta como cenário e/ou como protagonista da narrativa" (p. 25), tornando-se, nesse sentido, um *palco* onde as cenas ocorrem, revela os discursos (histórico, jornalístico, folclórico etc.) e as dicções (cômico, caricatural, satírica etc.) do romance, com suas personagens "sempre em trânsito pelas ruas e praças da cidade" (p. 38). Já ao retratar a presença da rua do Ouvidor na literatura da passagem do século, a autora analisa sua configuração em algumas crônicas do período,

---

<sup>1</sup> Doutor pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Nove de Julho (São Paulo).

escritas por Machado de Assis, Olavo Bilac, Lima Barreto e João do Rio, bem como sua representação no livro *Memórias da Rua do Ouvidor*, de Joaquim Manuel de Macedo.

Entre os modernistas, analisa essa mesma relação literatura/rua no romance *O moleque Ricardo*, de José Lins do Rego, além de estudar obras de Dyonélio Machado (*Os ratos*), Graciliano Ramos (*Angústia*) e Érico Veríssimo (*Noite*), considerando, em especial, a representação da rua como espaço propício a relações assimétricas de poder. Mais próximos de nosso tempo, Luiz Ruffato e Marcelino Freire são estudados em sua ficção, destacando, entre outras coisas, aspectos relacionados ao "anonimato da rua" (p. 129).

Na segunda parte de seu livro, dedicada à *produção alternativa*, Ivete Walty estuda a produção cultural de grupos urbanos que vivem nas ruas, como é o caso das revistas *Ocas* (São Paulo e Rio de Janeiro), *Boca de rua* (Porto Alegre), *Hecho en Buenos Aires* e *Diagonal* (Buenos Aires), *Hecho en Chile* (Santiago), *The big issue* (Londres), *Street news* (Nova Iorque) e *L'itinéraire* (Montreal). Trata-se, entre outras coisas, de um tipo de mídia que possui certas peculiaridades, a que a autora classifica como *jornalismo alternativo*, o qual, em geral, associa-se ao terceiro setor e age por meio de organizações não governamentais. De qualquer maneira, afirma a autora, trata-se de publicações que se inserem num movimento de "reconstrução ou alargamento do espaço público" (p. 180), resultando em *artefatos culturais híbridos*: "a enunciação linguística das revistas traduz a enunciação pedestre, exibindo algumas marcas de pés descalços ao lado de outras de pés calçados. Tudo isso seria o espaço público, acolhendo a pluralidade de espaços entrecruzados, a palavra partilhada" (p. 180).

Para Ivete Walty, os termos *público* e *coletivo* participam, atualmente, de diversos eventos culturais relacionados à população que vive nas ruas das cidades, como é o caso dos periódicos produzidos por moradores de rua, publicação em que circulam *várias vozes*, exibindo diferenças e contradições sociais. Nesse contexto da produção cultural urbana contemporânea, é possível discutir ainda as *intersecções de linguagens* entre os sem-teto e agentes culturais diversos, como é o caso das editoras alternativas (Dulcineia Catadora) e dos coletivos literários (Cooperifa, ColetivoZ), por exemplo. Trata-se, em poucas palavras, de ações que procuram estabelecer uma nova ordem textual e social, necessitando de operadores de leitura e análise inéditos.

Pela inovação da abordagem, pelo inusitado dos temas, pela habilidade teórica e analítica, o mais recente livro de Ivete Walty merece um lugar de destaque no amplo universo dos estudos contemporâneos que se preocupam em estabelecer uma autêntica relação dialética entre a cultura e o espaço público.